



Um necessário passo para trás: notas para fundamentação de uma hermenêutica do feminino a partir de sua relação com a psicologia

*A necessary step back: notes for founding one hermeneutics
of the feminine from its relationship with psychology*

LAIZ MARIA SILVA CHOEFI^a

Resumo

Este artigo busca contribuir para a fundamentação de uma hermenêutica do feminino desde a perspectiva da psicologia à luz da fenomenologia hermenêutica. Para tanto apresenta-se, partindo de levantamento bibliográfico de artigos publicados ao longo da última década, o modo próprio de conduzir investigações desta abordagem, que é das grandes escolas de psicologia brasileira. Configuram características desse pesquisar a precisão no enfoque que se dá às obras filosóficas lidas, o debruçar-se sobre fenômenos concretos, mesmo para estudos teóricos, a não-pretensão de construção de verdades absolutas e, por último, a importância para o perguntar. Na sequência, apresenta-se a situação hermenêutica heideggeriana enquanto possível articulação metodológica de análise como fundamento possível para uma hermenêutica do feminino. A partir das coordenadas do ponto de vista, perspectiva e horizonte, componentes da noção de situação hermenêutica, é possível cuidar para não se sobrepor à visão daquela com quem se conversa em campo. Além disso, a partir da aplicação das coordenadas da situação hermenêutica é possível acompanhar processos de transformação naquelas com quem se troca em campo. Nesse sentido, conclui-se que a prática

^a Universidade Paulista, São Paulo, São Paulo, Brasil. Mestre em Psicologia, e-mail: laiz.chohfi@usp.br

psicológica à luz da fenomenologia hermenêutica é fértil para o desenvolvimento de uma hermenêutica do feminino, oferecendo abertura e coordenadas que acompanham o mostrar-se da mulher e que não primam pela neutralização do que lhe é próprio.

Palavras-chave: Psicologia. Fenomenologia hermenêutica. Situação hermenêutica. Prática psicológica. Feminino.

Abstract

This article seeks to contribute to the foundation of a hermeneutics of the feminine from the perspective of psychology in the light of hermeneutic phenomenology. For this purpose, the bibliographical survey of articles published over the last decade presents the proper way of conducting investigations of this approach, which is one of the great schools of Brazilian psychology. They configure characteristics of this search for precision in the focus given to the philosophical works read, the consideration of concrete phenomena, even for theoretical studies, the non-pretension of building absolute truths and, finally, the importance to ask it. Then, the Heideggerian hermeneutic situation is presented as a possible methodological articulation of analysis as a possible foundation for one hermeneutics of the feminine. From the coordinates point of view, perspective and horizon, components of the notion of hermeneutic situation, it is possible to take care not to overlap the view and positioning of that or that researching on that or that with whom one talks in the field. In addition, it is possible to follow the changes in that or that one with whom one talks from the use of the coordinates, making it possible, in this sense, to follow transformation processes. It is concluded that the psychological practice in the light of hermeneutic phenomenology is fertile for the development of a hermeneutics, offering openness and coordinates that accompany the showing of the woman and that do not excel in the neutralization of the feminine.

Keywords: *Psychology. Hermeneutic phenomenology. Hermeneutic situation. Psychological practice. Feminine.*

Conforme Guimarães Rosa (1994, p. 21), “um livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber”. Essa metáfora é uma epígrafe de *Tutaméia* (GUIMARÃES ROSA, 1994). Grosso modo, um livro é um conjunto de palavras que forma um texto e apresenta uma ou várias ideias de sua autora ou autor. O valor do livro, a princípio, reside em seu conteúdo. Conforme o autor (GUIMARÃES ROSA, 1994), no entanto, o livro pode valer pelo que nele não coube ou, em outras palavras, pelo que nele não está escrito. É uma expressão

que deixa evidente a parte que não está nos livros: a interpretação que se pode fazer destes.

Esta metáfora é aqui convocada pois é indicativa do movimento que se faz quando se busca nos escritos da filosofia, notadamente na fenomenologia, elementos para se pensar a prática psicológica, seja esta de pesquisa ou clínica. Faz-se um movimento de interpretar e recortar os escritos dos autores da fenomenologia e se lê a partir deles conteúdos que não estão lá escritos, mas que podem ser de lá retirados. Nesse sentido, as obras de Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Hans-Georg Gadamer (1900-2002) dentre outros valem não só pelo que nelas está escrito, mas pelo que delas convoca a refletir em busca de construir uma prática outra em psicologia. A prática psicológica, dessa forma, é um exercício hermenêutico.

O presente artigo tem como objetivo explorar uma ideia de hermenêutica do feminino desde um ponto fundamental. Noutras palavras, busca oferecer fundamentos para elaboração de uma hermenêutica do feminino desde a perspectiva da psicologia à luz da fenomenologia hermenêutica. Nessa direção, busca-se apresentar a prática psicológica desta abordagem enquanto favorecedora da abertura necessária para o mostrar-se, sem interferências neutralizantes, da realidade das mulheres no mundo. Para tanto, uma vez que não é possível apresentar uma abordagem teórica e prática em sua inteireza, recorre-se a apresentar a psicologia à luz da fenomenologia hermenêutica enquanto possibilidade de trabalho em pesquisa para, na sequência, fornecer um exemplo de metodologia de análise a partir da situação hermenêutica heideggeriana (HEIDEGGER, 2014), a fim de dar a ver a potência dessa abordagem para a evidenciação da realidade das mulheres.

Do que no livro não deveu caber, alguns olhares para a pesquisa em psicologia

O trabalho de pesquisa em psicologia, aliando-se à filosofia, mais especificamente à fenomenologia, é um dos modos possíveis de se construir qualitativamente uma investigação. Entre os pioneiros da associação entre

estas áreas do conhecimento figura o psicólogo italiano Amadeu Giorgi (1985), que lançou mão do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty para a construção de uma metodologia descritiva para suas investigações.

Por outro lado, a aproximação entre psicologia e fenomenologia existencial ou hermenêutica, a partir da leitura da obra de Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer se dá posteriormente (SZYMANSKI *et al.*, 2019). No entanto, o modo de construir conhecimento, próprio do encontro entre psicologia e fenomenologia existencial ou hermenêutica, constitui atualmente um pilar importante dos cursos de graduação em psicologia, em especial no território brasileiro.

Com o intuito de evidenciar o modo próprio de construir conhecimento a partir do encontro entre psicologia e fenomenologia existencial ou hermenêutica, recorre-se a artigos publicados na América Latina na última década (DUTRA, 2011; MARTÍNEZ ARAUJO, 2011; MARTÍNEZ ARAUJO, 2012; FEIJOO e DHEIN, 2014; MATTAR *et al.*, 2016; FROTA, 2018; SZYMANSKI *et al.*, 2019). Estes foram encontrados a partir de busca nas bases de dados Scielo e Pepsic, realizada no segundo semestre de 2019, utilizando como unitermos “psicologia e fenomenologia”, “psicologia e fenomenologia existencial”, “psicologia e fenomenologia hermenêutica” e “psicologia e hermenêutica”.

A partir da leitura dos artigos citados acima, pode-se reconhecer algumas características que são próprias do modo de pesquisar em psicologia a partir da fenomenologia. A primeira delas diz respeito a nomeação do pensamento filosófico do qual lançam mão. Embora se utilizem, em geral, das mesmas obras — de um lado, *Ser e Tempo*, *Seminários de Zollikon* de Heidegger e, de outro, *Verdade e Método I e II* de Gadamer —, alguns pesquisadores dizem somente hermenêutica (MARTÍNEZ ARAUJO, 2011 e 2012), outros dizem fenomenologia existencial (DUTRA, 2011) ou fenomenologia existencial e hermenêutica (SZYMANSKI *et al.*, 2019). Os artigos teóricos utilizam o termo fenomenologia hermenêutica (FEIJOO e DHEIN, 2014; MATTAR *et al.*, 2016; FROTA, 2018). Com a diferença nos nomes quer-se rigorosamente precisar o enfoque que se dá à leitura dessas obras filosóficas. Por outro lado, deixa-se evidente que não há um só modo de se investigar aliando psicologia e fenomenologia.

Outra característica é que todas as investigações, mesmo as teóricas, partem de fenômenos concretos: as compulsões (FEIJOO e DHEIN, 2014), suicídio (DUTRA, 2011), habitar um espaço (MARTÍNEZ ARAUJO, 2011 e 2012), o corpo e o adoecer (MATTAR *et al.*, 2016), a infância (FROTA, 2018) e pertencer a uma determinada escola e realidade social (SZYMANSKI *et al.*, 2019). Mesmo os estudos teóricos, portanto, não são completamente abstratos. Busca-se sempre lançar luz em alguma questão concretamente enfrentada no mundo.

Além disso, outro ponto marcante é o cuidado para deixar absolutamente exposto que aquela investigação é somente uma possibilidade de interpretação. Dutra (2011) afirma não ser possível, a partir de sua pesquisa, identificar e prever o perfil do adolescente que tenta suicídio. Martínez Araujo (2012), por sua vez, aponta que a Caracas apresentada em sua investigação é a que é composta pela narração dos entrevistados e somente isso. Szymanski *et al.* (2019), por outro lado, convocando Critelli (1993), dizem da “*relatividade da verdade*” (p. 69) na medida que o que se mostra depende dos encontros que aquelas e aqueles que investigam têm em campo e do modo como podem interpretar o que a elas ou eles se apresenta. Não se trata de um modo de pesquisar que busca a construção de verdades absolutas ou afirmações incontestáveis a respeito de algo. É um investigar que, partindo de especificidades e particularidades da realidade, busca fomentar discussões sem a pretensão de generalizar as respostas que encontra.

Nessa direção, por buscarem se debruçar sobre a experiência, as pesquisas em psicologia a partir da fenomenologia existencial e hermenêutica são muito mais de um mergulho exploratório, descritivo e interpretativo, num esforço de compreender aquilo que se apresenta, do que conclusivo. Busca-se explorar e apresentar reflexões acerca da experiência que se pôde recolher em campo, sendo esta composta pela experiência daquela ou daquele que pesquisa e das outras ou outros com quem estabeleceu contato.

Se exploram, descrevem e interpretam aquilo que se apresenta, as pesquisas em psicologia a partir da fenomenologia hermenêutica buscam ser fiéis no retratar o contexto que às pesquisadoras ou aos pesquisadores se mostra. Aqui já se pode ver a pertinência dessa abordagem enquanto articulação do olhar que se dirige ao feminino: a busca por essa fidelidade ao que se mostra favorece que as mulheres que façam parte do campo que se

pesquisa sejam retratadas assim como se apresentaram, sem serem engolidas pela força acadêmica que busca neutralizá-las.

Os artigos citados anteriormente ainda conferem, para além do que já foi exposto, especial importância às perguntas. Estas, por sua vez, mostram-se ser de três tipos: a pergunta de pesquisa, as perguntas pelo caminho e as perguntas para o outro. Conforme Cabral e Morato (2003), a pergunta de pesquisa é a bússola da construção do caminho. É tendo-a como guia que a pesquisa se constrói. Ter uma pergunta bússola é, no entanto, somente ter um sentido para onde se caminha ao longo da investigação. Não se trata de ter já um caminho pré-determinado a ser seguido e desenvolvido.

Já as perguntas que aparecem pelo caminho são aquelas que brotam do contato com o que vai se mostrando em campo. Szymanski *et al.* (2019) expõem essas perguntas quando apresentam seu modo de analisar as narrativas recolhidas. O que se apresenta nas narrativas afeta os pesquisadores, fazendo-os prosseguir. A partir das perguntas e respostas, constrói-se o campo a ser apresentado.

As perguntas ao outro aparecem nos encontros com estes. Três investigações das citadas anteriormente (DUTRA, 2011; MARTÍNEZ ARAUJO, 2012 e SZYMANSKI *et al.*, 2019) lançam mão de entrevistas ou narrações para conhecer o fenômeno que investigam. A narrativa é entendida nessa modalidade de investigação como modo privilegiado de se aprofundar no fenômeno que é a experiência do outro: a experiência de tentar suicídio (DUTRA, 2011), de ser habitante de uma cidade (MARTÍNEZ ARAUJO, 2012), de ser aluno de uma escola municipal de periferia brasileira (SZYMANSKI *et al.*, 2019). As perguntas são as disparadoras da conversa e são, como disse Martínez Araujo (2012), parte do que se chama “entrevista aberta”: não há uma estrutura a ser seguida durante a conversa — embora se saiba não se tratar de uma conversa como outra qualquer, na medida em que há um tema a ser explorado a partir da proposta de uma das partes, que é a pesquisadora ou o pesquisador.

Embora se colha a visão daquela ou daquele que colabora com a investigação a respeito de uma temática específica, ainda assim se trata da *visão daquela ou daquele que colabora*. Nesse sentido, a voz da mulher se vê

preservada: não há imposição do olhar daquela ou daquele que investiga sobre aquilo que se apresenta em sua narrativa.

Um último ponto a ser ressaltado como característico dessa modalidade de investigação em psicologia, que Szymanski *et al.* (2019) deixam especialmente evidente, é a não-neutralidade do pesquisador. Na iniciativa de investigação apresentada pelas autoras e autor, os pesquisadores são frequentadores da escola onde desenvolvem seu trabalho de pesquisa, são conhecidos e conhecedores desse lugar. Além disso, vão a campo munidos de todo o conhecimento acumulado ao longo dos anos de formação, não vão em busca de não serem notados, de não “contaminar o material coletado”. E é exatamente por saber bem de sua própria posição que, na leitura e releitura das entrevistas, que são analisadas como textos (MARTÍNEZ ARAUJO, 2012; SZYMANSKI *et al.*, 2019), eles buscam rigorosamente deixar em evidência a voz daquela ou daquele com quem conversam. Por essa abordagem de investigação em psicologia, pautada na fenomenologia hermenêutica, as vozes das mulheres poderiam ser de fato ouvidas na medida em que não se misturam ao posicionamento da pesquisadora ou pesquisador.

Do que pode valer para a psicologia: a situação hermenêutica heideggeriana

O *Relatório Natorp* (HEIDEGGER, 2014) é o texto onde Heidegger apresenta a investigação que começava a conduzir e da qual faz parte a situação hermenêutica enquanto componente metodológica. Conforme Escudero (2014a), no prólogo da tradução espanhola dessa obra de Heidegger, trata-se de uma investigação guiada pela pergunta pelo “sentido mesmo da vida humana” (HEIDEGGER, 2014, p. 10). Essa pergunta, por sua vez, desembocava em duas decisões, ainda conforme o tradutor (ESCUADERO, 2014a): uma decisão metodológica e outra temática. Neste artigo, para construção de metodologia de análise, interessa especialmente a decisão metodológica.

Conforme Escudero, para Heidegger, a “determinação do sentido passa por um prévio estudo das estruturas constitutivas daquele único ente que de

alguma maneira já compreende o sentido do ser” (2014a, p. 13), que é o ser humano. Nisso consiste a primeira parte da decisão metodológica de Heidegger (2014): é necessário primeiro estudar a estrutura prévia da compreensão do ser que compreende para, só depois disso, lançar-se na temática mesma do sentido da vida humana.

A situação hermenêutica, conforme proposta por Heidegger (2014), faz parte desse passo metodológico inicial. Antes de se compreender algo, é necessário explicitar a situação de onde tal compreensão parte. Depois disso, é possível descrever a estrutura prévia da própria compreensão a partir da investigação acerca daquele que compreende. Só então seria possível indagar a respeito do sentido da vida.

Fundamentando a decisão metodológica que dá origem a esta metodologia de análise, do *Relatório Natorp* (HEIDEGGER, 2014) interessa a reflexão metodológica e metódica realizada por Heidegger, como já sinalizado. Nesse sentido, a seguir, apresenta-se o recorte desse texto que pavimenta o caminho que aqui se per-segure e se apresenta.

Segundo Heidegger (2014), toda interpretação depende de uma situação hermenêutica. Só é possível deixar evidente o conteúdo real dessa interpretação, ou seja, num certo sentido, só é possível apresentar uma interpretação de algo quando a situação hermenêutica desse algo pode ser acessada de maneira suficientemente clara. Para Heidegger (2014), a situação hermenêutica é composta por três estruturas: ponto de vista (*Blickstand*), perspectiva (*Blickrichtung*) e horizonte (*Sichtweite*). Essas são as coordenadas que precisam ser consideradas e esclarecidas para que a interpretação se sustente.

A respeito do ponto de vista (*Blickstand*), Heidegger (2014) somente diz que este deve estar “mais ou menos fixado e apropriado” (p. 29). Sobre a perspectiva (*Blickrichtung*), Heidegger diz que esta “determina o ‘como-algo’ segundo o qual se deve pré-compreender o objeto da interpretação e o ‘até-onde’ deve ser interpretado esse mesmo objeto” (p. 29, tradução nossa). A respeito da predeterminação do “como algo”, Escudero (2014b) diz que

Heidegger parte da premissa ontológica de que toda vivência e de que todo fenômeno se inscreve em uma realidade já sempre pré-interpretada de algum

modo, a saber, que a existência humana se move em cada caso em um horizonte de sentido publicamente estruturado, que de uma ou outra forma lhe é familiar e que, portanto, pré-compreende mesmo que somente de maneira atemática (p. 87, tradução nossa).

Escudero (2014b) ainda diz que, para Heidegger (2014), “formular uma proposição, emitir um juízo é dizer ou predicar algo. Porém, essa mesma operação predicativa é secundária em relação ao já se estar no mundo, inerente à existência humana” (p. 87). O fato de já se estar lançado no mundo faz com que já se tenha, de início, alguma interpretação a respeito do mundo que a nós se apresenta e do qual faz-se parte. Tornar evidente a situação hermenêutica é se apropriar dessa interpretação prévia já existente.

A respeito do “até-onde” o objeto deve ser interpretado, Escudero (2014b) esclarece que se trata do

horizonte de sentido que serve de fundo de projeção e de princípios de compreensão [...] Mas não se trata de um horizonte ou de uma meta que estejam atrás ou à frente do *Dasein*, senão que este já sempre faz parte deste [horizonte ou meta] (p. 87).

Heidegger dá a ver aqui, conforme leitura de Escudero, o co-pertencimento entre ser humano e mundo: já sempre fazemos parte daquilo que desejamos compreender, assim como já temos uma compreensão prévia desse algo que é alvo de nossa interpretação e posterior compreensão. Heidegger vai chamar de *facticidade* esse caráter do humano enquanto já lançado no mundo em co-pertença (HEIDEGGER, 2014).

Por sua vez, o horizonte (*Sichtweite*), para Heidegger, é “delimitado pelo ponto de vista (*Blickstand*) e pela perspectiva (*Blickrichtung*), e é [o interior] onde se move a correspondente pretensão de objetividade de toda interpretação” (HEIDEGGER, 2014, p. 30). Nessa direção, toda interpretação é recortada e restrita. As possibilidades são somente aquelas que nos são possíveis e nada mais.

Conforme Escudero (2014b), evidenciar a situação hermenêutica é “conquistar criticamente o horizonte de sentido já sempre dado no qual se encontra o fenômeno da vida para desmascarar, desmontar ou destruir os conceitos operantes na pré-compreensão desse fenômeno e devolvê-los a sua

origem” (p. 88). Hermenêutica é, para Heidegger (2014) essa desmontagem do que Escudero chama de “conceitos operantes”.

Nessa direção, é possível dizer que há um trabalho fenomenológico hermenêutico envolvido na evidenciação da situação hermenêutica: é o trabalho de esticar o tecido de onde o fenômeno brota, de modo a descrever e deixar evidente a trama e fios que compõem esse pano de fundo, do qual o fenômeno também faz parte. A partir disso, dessa exposição, é possível construir outras interpretações possíveis. Essa é, no *Relatório Natorp* (HEIDEGGER, 2014), a segunda parte da decisão metodológica de Heidegger: a investigação da vida humana em sua facticidade se faz hermeneuticamente. Trata-se, nesse sentido, de uma *hermenêutica da facticidade*, que é a temática que Heidegger explora até 1923, ano da preleção *Ontologia. Hermenêutica da Facticidade*.

Das potências do que no livro não deveu caber: pesquisa e clínica em psicologia e olhar para as mulheres

A investigação a respeito do sentido da vida humana proposta por Heidegger é pela via filosófica. A aplicação da situação hermenêutica, e consequente (fenomenologia) hermenêutica da facticidade, conforme o autor

Não [se] trata de definir em detalhe as estruturas do objeto <<vida fática>> nem de apreendê-las em suas articulações constitutivas; [...] a simples enumeração dos elementos constitutivos mais importantes da facticidade permitirá fixar o ponto de vista sobre o que se pretende dar a entender com este termo e convertê-lo assim em pressuposto da investigação concreta (HEIDEGGER, 2014, p. 34, tradução nossa).

Em filosofia, as investigações são construídas de maneira teórica. Nesse sentido, a “enumeração dos elementos constitutivos” daquilo que se quer investigar, de modo a tornar evidentes os pressupostos de tal investigação, já é suficiente. A teoria é, definitivamente, mais estável do que o mundo em sua *acontecência*.

Aproximar a situação hermenêutica do campo da psicologia, por outro lado, exige outro movimento por parte da pesquisadora ou pesquisador. Num primeiro momento, localizar o ponto de vista (*Blickstand*), a perspectiva (*Blickrichtung*) e o horizonte (*Sichtweite*) auxilia a investigação no sentido de situar de que lugar esta parte: onde está a pesquisadora ou pesquisador? Como pensa? O que já compreende, o que já foi pesquisado a respeito? Quais são seus atravessamentos pessoais naquilo que pesquisa?

Os questionamentos acima, assim como o fato de se poder localizar o posicionamento prévio do pesquisador, corroboram o que foi dito por Szymanski *et al.* (2019) a respeito de não haver possível neutralidade quando se investiga a partir dessa abordagem, que brota do encontro entre psicologia e fenomenologia hermenêutica. A pesquisadora ou pesquisador é lançada no mundo e deste já tem uma compreensão prévia. Parte do rigor da pesquisa em psicologia a partir da fenomenologia hermenêutica reside, justamente, em reconhecer que há um envolvimento anterior com a temática que se investiga. Nesse sentido, faz parte também da investigação a evidenciação da situação hermenêutica daquele que pesquisa e suas intersecções com o campo.

Evidenciando a situação hermenêutica de quem realiza a investigação faz-se, ao mesmo tempo, a distinção da situação hermenêutica daquela ou daquele com quem se conversa em campo. Embora ambas as situações façam parte do campo da investigação, não há sobreposição entre elas; a situação hermenêutica da pesquisadora ou pesquisador não se impõe sobre a daquela ou daquele que contribui com a pesquisa. As mesmas perguntas — onde está? Como pensa? O que já compreende? Quais são seus atravessamentos? — também são feitas quando do olhar que analisa, tendo as coordenadas da situação hermenêutica à mão, a narrativa produzida a partir da conversa com aquela ou aquele que é entrevistado.

É desse modo que a metodologia de pesquisa aqui apresentada pode contribuir para que a fala das mulheres seja integralmente considerada. Não se trata de um sujeito de pesquisa qualquer dentre outros; é aquela pessoa, é *aquela* mulher específica, construída dessa e daquela forma historicamente. Reconhece-se que há um ponto de vista e perspectiva que se articulam de determinada forma, colorindo e recortando o horizonte de determinada maneira. Reconhecer a especificidade de determinado discurso, no sentido de

que este é construído e articulado de determinada forma a partir de um contexto específico, é estar aberta ou aberto aquela ou aquele com quem se conversa em campo. É estar aberto para *aparecência* da mulher em sua integralidade.

Numa investigação que considera a experiência do outro como sendo material fecundo e que, à semelhança de Martínez Araujo (2012), analisa a conversa transcrita como se fosse um texto, as coordenadas da situação hermenêutica heideggeriana (HEIDEGGER, 2014) fornecem suporte para um mergulho mais profundo na história que se apresenta à pesquisadora ou ao pesquisador. Tendo essas coordenadas em mãos, passa a ser possível debruçar-se sobre a experiência que se apresenta e investigar seu *movimento*, não só seu conteúdo. Sendo uma mulher aquela com quem se conversa em campo, é possível acompanhar, a partir das coordenadas da situação hermenêutica, a experiência de ser mulher, ainda que atravessada pela temática que se quer investigar.

As componentes da situação hermenêutica heideggeriana também podem ser úteis para o trabalho clínico em psicologia. À semelhança da pesquisa, percebendo seu próprio ponto de vista (*Blickstand*) e sua própria perspectiva (*Blickrichtung*), a psicóloga clínica ou psicólogo pode compreender o que de seu está em jogo quando do encontro com o outro. Isso não é importante no sentido de garantir uma certa neutralidade do psicólogo, mas sim de localizar quais variáveis estão fazendo parte da conversa. Tratando-se, por exemplo, de um terapeuta homem que acompanha em psicoterapia uma paciente mulher, é importante saber que são pontos de vista, perspectivas e horizontes completamente distintos em diálogo. As coordenadas da situação hermenêutica permitem que essas diferenças fiquem claras ao longo do processo, se utilizadas para organização.

Além disso, à semelhança da pesquisa, em que se pode acompanhar e descrever as várias mudanças no campo ao longo da investigação, sejam estas durante uma conversa ou durante a própria estada em campo, as componentes da situação hermenêutica permitem quase que desenhar quadros das épocas da história dos pacientes. Embora não se vá dizer à paciente ou ao paciente que ela mudou de perspectiva (*Blickrichtung*) ou explicitar o pensamento heideggeriano, ter as coordenadas em mente auxilia

a organização por parte da psicóloga clínica ou psicólogo, que pode nomear que se passou de uma época à outra, na medida em que o ponto de vista (*Blickstand*) se desloca a partir da construção de outra perspectiva (*Blickrichtung*) que, por sua vez, faz aparecer outro recorte de horizonte (*Sichtweite*). Posicionando o terapeuta, este pode posicionar seus pacientes; pode dar a ver, por exemplo, a partir de como a ele o paciente se mostra, que já se está em outro patamar, ou que determinada questão já ocupa outro lugar no espaço de sua própria existência, que já não mais é central e passou a ser periférica.

Do que não deveu caber para aquelas que não couberam nos livros

Neste artigo quis-se dar um passo para trás para tratar das hermenêuticas do feminino. Buscou-se apresentar uma possibilidade possível de fundamentação para que o exercício da hermenêutica, pautando-se no pensamento de Heidegger, possa se dar. O *Relatório Natorp* (HEIDEGGER, 2014) é um texto que não consta em nenhum dos artigos com os quais se teve contato e que articulam psicologia e fenomenologia hermenêutica. Isso pode evidenciar um caminho ainda por ser percorrido que, por sua vez, indica algo ainda maior: há muito mais o que se ler do pensamento de Heidegger para pensar a psicologia.

Por outro lado, há também uma responsabilidade a ser assumida: Heidegger não estava especialmente preocupado com o trabalho da psicologia, ou com a possibilidade de nascimento de uma “escola” que se pautasse em seus pensamentos para sua própria construção, ou ainda com o modo como esta favoreceria ou não o olhar para as mulheres no mundo. É importante, nesse sentido, não ler no autor aquilo que ele não escreveu e assumir que se trata de um posicionamento próprio de quem escolhe se enveredar pela filosofia, aquela que tem como objeto tudo quanto há, para pensar o trabalho da psicologia. É imprescindível deixar evidente que esta é a situação hermenêutica da psicologia à luz da fenomenologia hermenêutica: sempre ler no livro como está escrito, mas valorizá-lo especialmente pelo que nele não deveu caber. É também escolha e posicionamento daquela ou

daquele que se encaminha por esse caminho direcionar abertura àquelas que nos livros muitas vezes também não couberam.

Referências

CABRAL, B. E. B.; MORATO, H. T. P. Considerações metodológicas a partir da formulação de uma questão para pesquisa. *Interlocuções - Revista de Psicologia da UNICAP*, v. 3, n. 1-2, p. 155-176, 2003.

DUTRA, E. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 152-157, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 nov. 2020.

ESCUADERO, J. A. Prólogo. In: HEIDEGGER, M. *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles*. Indicación de la situación hermenêutica. Madrid: Editorial Trotta, 2014a. p. 9-23

ESCUADERO, J. A. Notas de tradução. In: HEIDEGGER, M. *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles*. Indicación de la situación hermenêutica. Madrid: Editorial Trotta, 2014b. p. 86-109.

FEIJOO, A. M. L. C.; DHEIN, C. F. Uma compreensão Fenomenológico-Hermenêutica das compulsões na atualidade. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 165-178, abr. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922014000100013>.

FROTA, A. M. M. C. Infância, filosofia da educação e fenomenologia: aproximações necessárias. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 84-90, abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n1.9>

GIORGI, A. *Phenomenology and psychological research*. Pittsburg: Duquesne University Press, 1985.

GUIMARÃES ROSA, J. *Tutaméia (Terceiras Histórias)*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo* (F. Castilho Trad.). Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, M. *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles*. Indicación de la situación hermenêutica. Madrid: Editorial Trotta, 2014.

MARTÍNEZ ARAUJO, Z. Consideraciones teóricas para la comprensión del sentido de lo político en la vida cotidiana. *Argos*, Caracas, v. 28, n. 54, p. 217-243, enero 2011. Available from: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0254-16372011000100009&lng=es&nrm=iso. Acceso en: 04 nov. 2020.

MARTÍNEZ ARAUJO, Z. Formas y sentidos de Caracas desde relatos cotidianos. *Psicol. caribe*, Barranquilla, v. 29, n. 1, p. 153-175, jun. 2012. Available from:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-417X2012000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 nov. 2020.

MATTAR, C. M. *et al.* Da tradição em Psicossomática às Considerações da Daseinsanálise. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 317-328, jun. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001032014>.

SZYMANSKI, L.; SZYMANSKI, H.; FACHIM, F. L. Interpretação como des-ocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa. *Pro-Posições*, Campinas, v. 30, e20180014, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0014>.

RECEBIDO: 04/11/2020
APROVADO: 17/02/2021

RECEIVED: 11/04/2020
APPROVED: 02/17/2021